



DL-01

Ses. Esp. II 29/05/08

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta esta sessão especial, proposta pelo deputado Bira Coroa, que tem como objetivo debater o “Dia da África e Políticas Públicas para Religiões de Matriz Africana.

Convido para compor a Mesa o Exmº Sr. Secretário de Promoção da Igualdade, Luiz Alberto Silva dos Santos, representando o governador do Estado da Bahia, Jaques Wagner, (palmas); o nobre proponente desta sessão, deputado estadual Bira Coroa; o Exmº Sr. Embaixador da República de Angola, Leovigildo Costa e Silva (palmas); o Exmº Sr. Embaixador da República Democrática do Congo, Baudoauin Mayola Ma Lulendo; o Exmº Embaixador Decano da República Federal da Nigéria no Brasil, Kayode Garrick; o Sr. Subsecretário de Ações Afirmativas da Secretaria de Políticas e Igualdade, Giovanni Harvey; a nobre presidente da Comissão Especial da Promoção da Igualdade desta Casa, deputada Fátima Nunes, o Exmº Sr. Secretário Municipal da Reparação, Sr. Sandro Correa; o professor Doutor Kabemgele Munanga; o Sr. Presidente da Fundação Pedro Calmon, meu querido amigo e professor Ubiratan Castro de Araújo; a Srª Representante da Irmandade da Boa Morte, Joselita Sampaio Alves; o Sr. Representante do Coletivo de Entidades Negras, Marcos Rezende.

Assistiremos à apresentação musical de Rebeca, que será acompanhada pela Banda Tomalira.

(Apresentação Musical.)



4390-II

Ses. Esp. II 29/05/08

Or. Bira Coroa

Dia da África.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Coroa):- Passo a presidência da Mesa à deputada Fátima Nunes, para que eu possa fazer uso da palavra.

A Sr^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Saúdo todos os presentes neste momento em que tenho a oportunidade de dirigir, por um tempo, esta sessão especial convocada pelo deputado Bira Coroa.

Concedo a palavra ao proponente desta sessão, deputado Bira Coroa.

O Sr. BIRA COROA:- Sr^a Presidente, deputada Fátima Nunes; Exm^o Sr. Secretário de Promoção da Igualdade, deputado Luiz Alberto, aqui representando o governo do Estado da Bahia; Exm^o Sr. Embaixador da República de Angola, Leovigildo Costa e Silva; Exm^o Sr. Embaixador da República Democrática do Congo, Baduim; Exm^o Sr. Embaixador da República Federal da Nigéria, Kayode Garrick; Sr. Subsecretário da Ação Firmativa da Secretaria de Políticas e Promoção da Igualdade Racial, Geovânia; Sr. Secretário Municipal de Reparação da Cidade do Salvador, Sr. Sandro Correia; Sr. Professor e Dr. Kabemgele Monanga; Sr. Presidente da Fundação Pedro Calmon, professor Ubiratan Castro; Sr^a Representante da Irmandade da Boa Morte, Joselita Sampaio; Sr. Representante dos Movimentos Negros e de Todos os Movimentos Populares, Marcos Resende, senhores, senhoras, em nome de um símbolo da nossa terra, de um marco importante da economia, quebrando os paradigmas impostos por esta sociedade perversa consolidada pela exploração do nosso povo em nosso País e, conseqüentemente, em nosso Estado, a Bahia, a Associação das Baianas de Acarajé, quero saudar todos aqui presentes e, em nome do povo de santo, quero saudar os heróis do nosso povo pela resistência, pela história construída, pela firmação e muito mais pela dignidade e pela manutenção da nossa história e raízes refletidas na nossa cultura. (Palmas.)



Vinte e cinco de maio, Dia da África, não é apenas um dia de comemoração, mas um dia que, na África, como em vários pontos do mundo, se constitui num momento de avaliação, de reflexão e, acima de tudo, de afirmação. É um momento em que se discute o avanço social-econômico da África, mas se fazem reflexões também sobre a contribuição que esse continente, através de seu povo, deu para a formação de toda a humanidade. Não existe nenhum que não tenha a referência do povo africano, que não tenha, simbolizado na cultura, na religiosidade, como em nosso país, na expressão e no conhecimento, a origem do continente africano.

Então, o dia 25 de maio não pode ser lembrado apenas como um dia festivo, mas, sim, como um dia de luta, de conquista, de confraternização pelas conquistas, de chamada de consciência para aumentar esse exército de defesa e de construção de projetos democráticos, de construção de uma sociedade igualitária que o povo negro nos ensinou, nos trouxe e nos presenteou com a sua própria origem através da transmissão do nosso sangue.

Então, não poderia deixar de trazer a esta Casa esse dia de debate e discussão. Primeiro, pela afirmação de ser negro; segundo, pela responsabilidade de estar aqui representando uma sociedade que tem na sua estrutura mais de 80% de negros. E não precisamos estar preocupados com a terminologia, se negro, se afrodescendente ou outra qualquer terminologia ou simbologia utilizada, mas, sim, com a certeza de que é esse povo que ora constitui a maioria da nossa população, construiu este País e trouxe para cá a sua cultura, as suas experiências, semeando o campo para produzir o alimento. Um povo sempre forte nas decisões e inteligente, porque foi capaz de resistir a todas as repressões mantendo a nossa cultura e a nossa religiosidade.

Em determinado momento da nossa história, utilizou o sincretismo religioso como instrumento de sobrevivência, mas manteve essa cultura até os nossos dias. Foi capaz de transformar os restos deixados pelas elites exploradoras deste País nos alimentos mais apetitosos e saborosos, utilizando o conhecimento trazido da Mãe África.



E agora não poderia deixar de destacar que estamos vivendo, no Brasil, um novo momento. O secretário Luiz Alberto, que me antecedeu, pontuou muito bem as políticas públicas implementadas pelo governo Lula, que já dão novos rumos e nos permite alimentar mais ainda os nossos sonhos de liberdade e de construção de uma sociedade igualitária. Ainda são poucas, muitas ainda precisam vir! E este momento nesta Assembléia faz parte desse contexto, pois traz a este Poder – que tem o título de Casa do Povo, mas na prática ainda tem de se consolidar como tal – esta discussão.

A presença aqui de embaixadores e de diversas outras autoridades africanas – que serão devidamente citadas –, nos traz uma responsabilidade maior, que é a de cumprir o papel determinado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva de estreitar as relações entre o Brasil e a África. E hoje pela manhã também foi seguida a determinação do governador Jaques Wagner de se estreitar as relações entre a Bahia e a África.

Existe o propósito de reparação e até de pagamento de dívidas que nós brasileiros temos com a África. Mas é mais do que isso, porque há de se fortalecer no nosso povo as suas origens, reafirmando a nossa cultura, mudando as concepções da história oficial e apresentando a história real. E esta, sem dúvida, tem a participação do povo negro africano.

Não poderia deixar de destacar que chegamos até aqui lutando e resistindo. E essa mesma luta, essa mesma resistência e essa capacidade de organização nos levará a novas vitórias. E aí não poderia deixar de destacar a participação e a importância da Irmandade da Boa Morte (palmas), que há quase 300 anos vem marcando a sua resistência neste Estado. A primeira confraria negra do mundo! E o que é mais importante ainda, é a primeira confraria consolidada por mulheres (palmas), mostrando que a África já estava à frente da sociedade contemporânea no processo de luta e na disposição. assumida pela mulher.

Não é à toa que, há quase 300 anos, uma organização de mulheres, no fundo de uma igreja, podemos dizer, na camuflagem da repressão, conseguiu orientar, organizar, participar das lutas que me permitem, hoje, estar usando este Plenário e estar sentado em uma dessas cadeiras, representando a sociedade como parlamentar negro.



Não poderia deixar de dizer que é essa a luta que nos levará a um novo tempo e que é essa mesma luta, encorajada pelas batalhas travadas nos quilombos, nos centros urbanos, na zona rural, que fez e vem fazendo do povo baiano e, quiçá, do povo brasileiro não só um povo aguerrido, disposto, mas também, na afirmação da cultura e da manutenção das nossas tradições, diferente de quase todo os outros povos do País, até tachado, de forma pejorativa e preconceituosa, pelos sulistas de acomodado, devagar e até preguiçoso. Mas até na cultura, na forma tranqüila de viver, no bailado ou no gingado, somos capazes de mostrar superioridade, porque nenhum ponto deste País é capaz de apresentar maior diversidade cultural do que o Estado da Bahia. E essa diversidade cultural, refletida na música, na dança e em todos os demais campos da arte, em sua quase totalidade, vem da ação e das raízes africanas somadas, sem sombra de dúvida, à nossa origem indígena e, em alguns momentos, acrescidas das experiências européias, mas nem mais nem menos capaz de fazer da Bahia o estado mais prazeroso deste nosso Brasil.

Quero concluir dizendo que esta sessão, que também é comemorativa, tem o cunho de afirmar ao povo negro da Bahia o direito de conquistar o seu espaço e de ocupá-lo. Estar nesta Casa, neste momento, desenvolvendo uma atividade, como esta sessão especial ou uma audiência pública, não era possível há alguns anos. Não vou muito longe: há cinco anos, tínhamos dificuldade de conseguir realizar uma sessão desse nível e desse porte.

Sei das dificuldades que ex-deputados negros, como eu, tiveram para se afirmar nesta Casa. Entre eles, destaco Paulo da Anunciação, que ousou criar uma comissão especial para desenvolver políticas públicas para o povo negro e afrodescendentes da nossa terra, e Valmir Assunção, hoje, secretário, que trouxe a esta Casa uma lei, citada pelo secretário de Promoção da Igualdade, Luiz Alberto, a qual ainda tramita vagarosamente nesta Casa. Mas, este ano, com certeza, teremos como compromisso tirá-la das gavetas e transformá-la em realidade, com a participação de muitos deputados que ora também defendem essa nossa luta, essa nossa causa.



Não posso deixar de destacar o compromisso que assumiu conosco o presidente desta Casa, juntamente com outros deputados, cujos nomes vou preservar para não correr o risco de deixar de citar algum, quando, no início do ano passado, travamos aqui, com o apoio do Movimento Negro, uma luta para manter, consolidar e ampliar a Comissão de Promoção da Igualdade. E hoje esta Assembléia Legislativa mantém essa comissão exatamente pela força da luta, pela manifestação e pelo interesse da sociedade e pelo compromisso de parlamentares. Mas ainda precisamos fazer dessa comissão um instrumento, se não de transformação, mas pelo menos uma arma significativa em nossas mãos.

Como educador, não poderia deixar de estar aqui mais uma vez referendando a importância da Lei 10.639, que agora está mais aprimorada e mais consistente do que a Lei nº 11.465, que assegura que constem nos currículos do nosso País e em nosso Estado, em especial, o ensinamento da história e da cultura da África. A Bahia não pode deixar de ser pioneira, ou, melhor dizendo, deixar de ser o primeiro Estado a implementar essa lei, que foi sancionada, mas na prática é inexistente por uma série de fatores. Precisamos debater e utilizar ações eficazes para essa aplicação.

Tenho certeza de que o governo Jaques Wagner, com o compromisso que tem, não irá se opor a essa implementação, mas é preciso que nós, representantes da sociedade, e a sociedade, através das suas instituições organizadas, façamos pressão e nos organizemos em torno dessa construção.

Quero aproveitar para destacar o compromisso e o papel que o nobre deputado Waldenor tem tido, Líder do governo nesta Casa, posso dizer meu Líder, sendo um guerreiro na defesa dos interesses. Fazendo justiça, ele foi um articulador, costurando de um lado e do outro, com a Bancada de Oposição, com a Bancada de Situação, para que essa comissão fosse preservada. Não poderia deixar de registrá-lo, nobre deputado.

Quero encerrar dizendo a todos e a todas que a luta não acabou e que o dia 25 de maio, neste Estado, não pode apenas passar como data comemorativa. Tramita nesta Casa uma



lei de nossa autoria para transformar o dia 25 de maio, de fato, um dia baiano em nome da África. (Palmas)

Com isso, quero encerrar dizendo a todos: a luta não acabou, a luta não irá acabar, a África não vai deixar de existir, porque ela foi capaz de atravessar séculos de repressão e discriminação que ainda perduram nosso povo, em nossa sociedade. Mas, com certeza, com essa capacidade de organização e essas forças de representação aqui presentes, a Bahia não mais olhará com temor ou com medo para os pelourinhos. A Bahia estará olhando com bravura e, acima de tudo, com disposição de luta para todos em igual condição. Esse é o desejo que temos, fazemos do mandato um instrumento, porque o mandato não nos pertence, ele foi construído em uma história de luta.

Quero apenas agradecer aos embaixadores por estarem aqui neste dia, trazendo a esta Casa Legislativa e ao povo baiano o retrato real de uma África, que venceu as dificuldades, que ainda enfrenta adversidades, mas que, como Continente, exemplifica o mundo e, como povo, é, sem sombra de dúvida, soberano.

Muito obrigado.

(Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)



4391-II

Ses. Esp. II 29/05/08

Or. Kabemgele Munanga

Dia da África.

A Sr^a. PRESIDENTE (Fátima Nunes):- Convido o nosso Líder, deputado Waldenor Pereira, para fazer parte da Mesa. (Palmas.)

Convido o professor Kabemgele Munanga para fazer a sua palestra magna.

O Sr. KABEMGELE MUNANGA:- Exm^o. Sr. Deputado Bira Coroa, na pessoa de quem gostaria de cumprimentar todas as Sr^{as} Deputadas e todos os Sr. Deputados desta Casa e a quem devo a minha presença nesta Tribuna; Exm^o. Deputado Federal pela Bahia e Secretário de Promoção da Igualdade no Estado da Bahia, Luiz Alberto; Exm^o. Sr. Luiz Alberto e Silva dos Santos, representante do governador do Estado, Jaques Wagner; Exm^o. Sr. Embaixador da República de Angola, Sr. Leovigildo Costa e Silva; Exm^o Sr. Embaixador da República Democrática do Congo, Sr. Baudoauin Mayola Ma Lulendo; Exm^o Sr. Embaixador da República Federal da Nigéria, Sr. Kayode Garrick, o Sr. Subsecretário de Ações Afirmativas da Secretaria de Políticas da Promoção da Igualdade Racial do Estado da Bahia, Giovani Harvey; Exm^a Sr^a Presidente da Comissão Especial da Promoção da Igualdade desta Casa, deputada Fátima Nunes; Exm^o Sr. Secretário Municipal da Reparação, Sandro Correa; Sr. Representante da Fundação Pedro Calmon, meu colega e amigo professor Ubiratan Castro de Araújo; Sr. Representante da Irmandade da Boa Morte, Joselita Sampaio Alves; Sr. Representante do Coletivo de Entidades Negras, Marcos Rezende, senhoras e senhores, perguntei-me o que poderia dizer que, neste momento, que ultrapassasse a fala dos deputados Luiz Alberto e Bira Coroa. Além do mais, minha linguagem é de uma pessoa da academia; não sou político, não tenho a capacidade de transmitir meu sentimento com a qualidade da expressão dos dois deputados que me antecederam.

O que significa o dia 25 de maio para nós africanos, para os brasileiros, em especial para os baianos, diante da situação sociopolítica e econômica de muitos países africanos? Para



responder esta pergunta, devemos fazer um recuo histórico rememorando os acontecimentos políticos que originaram essa data que estamos rememorando.

(Lê) “A África de hoje é nada mais que o resultado histórico de cerca de cinco séculos consecutivos que ela atravessou carregando sempre na entrada do novo século os saldos positivos e negativos dos séculos anteriores. Visto deste ângulo, suas perspectivas no contexto do novo milênio e da globalização realizar-se-ão com base nesses saldos positivos e negativos provindos dos séculos passados, seja em termos acumulativos, seja em termos de rupturas.

Os quase três séculos de tráfico negreiro tiveram entre outras conseqüências além da violência social uma perda populacional (cerca de 40 a 100 milhões) com pesados resultados em seu desenvolvimento, além de desestruturar suas organizações políticas tradicionais. Imediatamente após o tráfico veio o colonialismo, acrescentando à pilhagem dos homens a das terras e das riquezas naturais. Os africanos travaram uma longa luta para romper com os vínculos colonialistas. Assim vieram as independências que a justo título significam o fim das barreiras sociais e raciais, a desmistificação da inferioridade natural dos africanos e o desmantelamento do velho espectro da superioridade natural do branco. As independências representam um momento de ruptura entre um passado de humilhação, de desumanização, de exploração e um futuro diferente a ser construído.

Mas no caminho da construção desse novo futuro que se inicia na década de 60 do século passado para a maioria dos países das antigas colônias francesas, inglesas, e belgas os africanos continuaram a carregar os legados da colonização em suas estruturas políticas e econômicas. Sua economia é, desde a colonização, orientada e controlada do exterior. Sua infra-estrutura é ainda colonial apesar dos esforços de alguns dirigentes nacionalistas. A velha ordem econômica internacional se mantém apesar dos discursos e das declarações feitas nos foros mundiais para transformá-las numa 'nova ordem', que repartiria eqüitativamente as riquezas da humanidade. A pilhagem da África que começou com o tráfico negreiro, a escravidão e a colonização, se prolonga hoje através da chamada "troca desigual".



A questão da democracia e da construção de um Estado-Nação no modelo ocidental é uma das mais cruciais da África hoje. Pensava-se, no início dos anos 60, que a transferência do poder era apenas um problema de Constituições. Essas foram elaboradas nos modelos ocidentais e às vezes "dadas de presente" aos africanos na véspera da independência de cada país. A maioria dos nacionalistas africanos acreditava na construção do Estado-Nação e de uma ideologia nacionalista. Apesar de sua vontade e de sua ilusão, a resposta obtida até há pouco tempo tem sido, em grande parte, autoritária e militar. Os golpes foram acontecimentos os mais freqüentes no Continente.

No início dos anos 80, o regime militar tornou-se uma regra em toda a África, em vez de ser uma exceção. O Exército confirmou-se como a única força moral capaz de lutar contra os defeitos dos governos. Mas os fatos mostram que os militares, além de incompetentes, não foram menos corruptos que os dirigentes civis. No entanto, as potências estrangeiras e antigas metrópoles tiveram tendência em apoiá-los como os únicos responsáveis pela ordem social, ou melhor, os únicos capazes de garantir seus interesses no Continente Africano.

De 1950 a 1980, a população africana triplicou e, de 1980 para cá, seu crescimento passou majoritariamente a ser urbano. Hoje, um em cada três africanos mora na cidade, o que é uma porcentagem superior à da Ásia em sua totalidade. Essa evolução demográfica não deixa de criar problemas. Com efeito, a maioria das cidades africanas tem de enfrentar grandes dificuldades. São paralisadas pela inexistência de transporte coletivo e pela intensidade da circulação dos carros, que muito cresceram em desequilíbrio com a pouca infra-estrutura existente mal conservada, pela poluição das águas, pela falta crônica de alimentos, pela penúria sempre crescente de infra-estrutura sanitária e escolar, pela falta de empregos e pela violência.

Um dos problemas que afligem também a África nos últimos quase cinquenta anos do seu processo de independência é a famosa questão dos chamados conflitos étnicos, que, no meu entender, são apenas guerras civis e não verdadeiramente conflitos étnicos. As



identidades étnicas, embora realidades sócio-antropológicas incontestáveis na escala mundial, são, sem dúvida, sujeitas às manipulações ideológicas e, neste sentido, perigosas para as nações em construção, onde a consciência nacional deve ainda ser forjada. Coloca-se então aos dirigentes africanos a questão de saber como criar uma identidade nacional sem prejudicar o desenvolvimento das identidades étnicas e regionais, que são fontes de diversidades e, portanto, de riquezas culturais, mas, ao mesmo tempo, ameaçadoras da unidade nacional, pois manipuladas política e ideologicamente na luta pelo poder. A idéia de que a etnicidade não oferece uma base sólida para construir uma nação levou a pensar que o "Partido Único" seria uma solução viável para impor as realidades políticas modernas baseadas na 'Nação' em oposição ao 'eticismo' desestabilizador. Mas a experiência desses quase 50 anos de independência mostra que o Partido Único por onde existiu favoreceu mais o etnicismo do que a unidade nacional. As manifestações em favor da democracia que invadem a África desde 1990 são provas de que o argumento unificador do partido único não podia mais ser sustentado.

As elites africanas tinham tendência em explicar todas as dificuldades de seus países a partir dos fatores externos (colonialismo, imperialismo, etc.) Embora esse argumento tenha alguma força, hoje os africanos não podem continuar a eximir-se totalmente.

A situação já complexa e complicada do continente africano conheceu nos últimos 40 anos outro agravamento: a AIDS. Sem dúvida, esta doença constitui uma grande preocupação para a humanidade, mas a Europa é mais alertada do que a África, que é mais atingida. Nesse continente empobrecido, morre-se tanto de fome que as mortes pela AIDS são simplesmente mortes entre tantas outras. A questão que se coloca é saber como serão as coisas neste milênio com as futuras gerações. Só em 1998, 70% das pessoas contaminadas pelo HIV vivem na África. Aproximadamente 83% das mortes que ocorreram nesse ano se encontram na África Subsaariana. Pelo menos 95% dos órfãos de AIDS são africanos. Desde que o vírus começou a se propagar, 34 milhões de africanos vivendo no Sul do Saara teriam sido



contaminados e 11,5 milhões entre eles já morreram, sendo vinte 25% deles crianças. Apenas em 1998 a AIDS matou 2 milhões de africanos.

Nenhum país da África escapou à AIDS, embora alguns sejam mais castigados do que outros. No Botswana, por exemplo, onde mais de 25% dos adultos são contaminados, as crianças que nasceram no início desta década terão uma esperança de vida apenas superior a 40 anos, em vez dos 70 que elas teriam se não fossem contaminadas. Isso tem como segunda consequência a diminuição das chances de sobrevivência das crianças e o aumento de taxas de mortalidade infanto-juvenil em numerosas regiões da África Subsaariana, suprimindo as vitórias conquistadas no decorrer dos anos em matéria de sobrevivência das crianças.

O pior é que à AIDS se acrescentam outras doenças: o paludismo, a tuberculose, a parasitose, etc., que são muitas vezes curáveis, mas que continuam a fazer milhões de mortes por falta de estruturas médicas indispensáveis.

No ano de 1998, a África recuou também e muito no plano político, no qual se esperava progressos reais em matéria de democratização da vida política. Por toda parte onde foram organizadas eleições presidenciais, os presidentes no poder foram reeleitos. Quase por toda parte essas eleições foram contestadas. Em alguns países o escrutínio presidencial deu origem a novas crises capazes de hipotecar o futuro e a paz nacional, como acabamos de acompanhar os acontecimentos no Quênia e ultimamente no Zimbábue.

Hoje a miséria e a pobreza generalizada, a má nutrição, a fome, as guerras fratricidas atingiram níveis jamais conhecidos nem antes nem durante a colonização. Alguns exemplos: 340 milhões de pessoas, ou seja, a metade da população africana, vivem com menos de um dólar por dia. A taxa de mortalidade entre crianças de menos de cinco anos atinge aos 140 por 1000. A esperança de vida ao nascimento é de apenas 54 anos. Apenas 58% têm acesso à água potável. A taxa de analfabetismo entre pessoas de idade superior a 15 anos atinge aos 41%. Existem apenas 18 linhas telefônicas principais para mil pessoas, comparando com 146 para o resto do mundo e 566 nos países de alto rendimento.



Diante desse quadro geral, coloca-se a questão de saber: “quais seriam as perspectivas do continente africano no contexto da globalização e do novo milênio?” No entanto, apesar de todas as dificuldades apontadas, a África deve ter acumulado certas experiências que constituem um saldo positivo dos últimos 5 séculos e poderão acompanhá-la nesse milênio.

Nos últimos 50 anos duas forças sociais cheias de promessas surgiram: os jovens e as mulheres. Ambos não eram visíveis nas sociedades africanas antigas. Os jovens porque a senhoriaidade ligada à sabedoria era o único valor conhecido. As mulheres porque, embora constituída a maior força produtiva, ficavam dependentes dos homens. Hoje, a juventude é esmagadora e há cidades em que se constituem $\frac{3}{4}$ da população urbana, o que representa o risco de gerar uma cultura de violência diante da miséria cada vez mais crescente.

Mas como essa juventude tem cada vez menos escolha, comparativamente às gerações anteriores, ele deverá ou morrer ou atacar de frente os problemas que fazem dela a maior vítima da sociedade.

O papel da mulher conhece também um grande desenvolvimento, porque são elas que investem maciçamente no setor informal da economia, embora sua posição seja ainda delicada numa sociedade dominada por homens, trata-se de uma mudança social promissora neste milênio.

Percebe-se também que a nova geração de dirigentes africanos, no limiar do novo século, não se posiciona mais em eternas vítimas da história e pensam que a África não deve mais perder tempo em reclamar a ajuda do mundo inteiro em reparação aos crimes do colonialismo e da escravidão. Eles recusam a velha dependência colonial e contam com suas próprias forças. As lições de Nelson Mandela, ao fazer uma transição difícil, sem ódio racial e sem revanchismo, surpreenderam o mundo e poderão servir de lição aos futuros dirigentes africanos no que diz respeito notadamente à representatividade étnica não resolvida pela democracia ocidental.



Se a África e os países africanos definirem que tipo de sociedade querem construir, poderão, sem muitas dificuldades, adequar esses processos de globalização aos modelos de sociedade projetados. Os chamados conflitos ou guerras tribais na África de hoje, na linguagem jornalística, ou os conflitos ou guerras étnicas na linguagem antropológica tem pouco a ver ou nada a ver com as diferenças culturais que originavam tais conflitos na época pré-colonial. Eles expressam outra coisa: as brigas pelo controle do poder no contexto nacional. São, portanto, verdadeiras guerras civis e não guerras étnicas.

A natureza do sistema do Estado herdado da colonização constitui o coração dos conflitos. O Estado contemporâneo africano é tido como lugar de enriquecimento e como monopólio da verdade. Na medida em que todas as riquezas essenciais transitam pelo Estado, o sucesso social supõe então o acesso à burocracia direcional ou a seus corredores. Os postos políticos e administrativos constituem então a base dos diferentes escalões de uma nomenclatura de privilégio que, por definição, deve manter afastados outros candidatos. Essa concepção "consumista" da coisa pública desemboca na violência, seja para manter as situações adquiridas, seja para derrubá-las ao proveito de outros grupos frustrados. A rivalidade política toma a forma de confrontação entre facções sem outro projeto, a não se o de se sentir melhor que os outros para gerir o complexo burocrático herdado da colonização. Nessas facções, os quadros políticos e seus homens comprometem-se para fazer número, isto é, clientelas populares reunidas na base dos sentimentos étnicos, religiosos ou regionais e das migalhas que elas podem efetivamente esperar deles.

Essas cenas de fantasmas e práticas seriam um meio para executar uma política não democrática, da mesma maneira que os colonizadores utilizaram os mesmos meios para não dar uma base nacionalista ao desenvolvimento político.

Tanto a paz quanto a violência na história da humanidade deveriam ser entendidas como resultantes de processos históricos e não como fenômenos naturais. A Europa Ocidental começou depois da segunda guerra mundial a construir seu processo de paz hoje ilustrado pela



União Européia. Mas infelizmente não contribui ou contribui pouco com o processo de paz nos países africanos que foram suas colônias.

A construção da paz no mundo deveria ser encarada como um dever de todos os países, principalmente daqueles que produzem armas destrutivas que lhes trazem grandes lucros ao mesmo tempo que destroem povos, vidas humanas e violam o direito humano mais sagrado: o de viver.

Recorde-se que, em 1963, isto é, 45 anos atrás, 32 líderes dos Estados Africanos reunidos numa conferência histórica em Addis Abeba, capital da Etiópia, criaram em 25 de maio do mesmo ano, um órgão interafricano denominado Organização da Unidade Africana - OUA, tendo como objetivos:

- 1 - promover a solidariedade e a unidade dos Estados Africanos;
- 2 - coordenar e intensificar seus esforços de cooperação para oferecer aos povos africanos melhores condições de vida;
- 3 - defender sua soberania, a integridade territorial e a independência;
- 4 - erradicar todas as formas de colonialismo;
- 5 - promover a cooperação internacional, respeitando a carta das Nações Unidas e a declaração dos direitos humanos.

A OUA tem ficado fiel à sua missão de personificação da vontade coletiva africana, mas parte importante de seus objetivos fracassou por diversos motivos. Quando esses estados se tornaram independentes, eles não tinham experiência de governo moderno e de organizações internacionais. A maior crítica diz respeito a sua ineficiência na prevenção ou resolução dos conflitos dos conflitos inter-africanos e sua inabilidade ou relutância para condenar o despotismo e promover a democracia e o desenvolvimento sócio-econômico.

Os dirigentes africanos atuais se deram conta de que a OUA não era mais um órgão adequado para enfrentar os problemas da África do século XXI, dentro do contexto do mundo globalizado. Por isso, sem abrir mão da idéia condutora que vem do movimento panafricanista desde 1900, idéia baseada na construção da solidariedade de todos os povos africanos e suas



diásporas, eles lançaram a idéia de criar uma nova organização capaz de desafiar as realidades do mundo globalizado do qual a África está cada vez mais marginalizada. Esta nova organização recebeu o nome de União Africana UA, nome inspirado, dizem alguns, na União Européia. Não se trata mais de construir a unidade africana, tendo em vista a complexidade e a diversidade do continente e suas ilhas, mas sim de construir uma união para poder enfrentar coletivamente as dificuldades e os problemas africanos.

Criada em outubro de 2001 em Abuja, capital da Nigéria, na liderança dos presidentes Mbeki da África do Sul, Obasanjo da Nigéria e Boutflika da Argélia, o objetivo fundamental da União Africana visa à erradicação da pobreza no continente e à colocação dos países africanos individual e coletivamente no caminho do desenvolvimento e do crescimento sustentável para deter a pobreza e a marginalização da África do processo de globalização.

Embora tenham consciência de que a África deve contar antes de tudo com suas próprias forças, os dirigentes africanos acreditam ainda na solidariedade internacional. Por isso, eles idealizaram e criaram um novo organismo chamado 'Nova Parceria para o Desenvolvimento Africano – NEPAD' (New Partnership for Africa's Development), que é uma nova parceria multilateral divorciada dos objetivos imperialistas.

Além de contar com o apoio da NEPAD, a União Africana pretende desenvolver novos mecanismos de regulação de conflitos, notadamente a criação de uma força da paz, contrariamente à OUA, que defendia a não interferência nos problemas internos dos estados membros. Futuramente, pretende também criar um banco interafricano de desenvolvimento, um tribunal de justiça interafricano e uma moeda comum. São novos desafios a ser enfrentados. Seria muito cedo avaliar o sucesso ou o insucesso da União Africana num continente cuja maioria dos países é ainda frágil e dependente das antigas metrópoles e potências do mundo ocidental.

É nesta visão da União Africana que se fala hoje do 'renascimento africano', a idéia de que as sociedades africanas se mobilizam para cicatrizar as feridas do passado e lidar com as dificuldades do momento. Chegou a hora de os africanos deixar de ficar presos ao passado



colonialista para enfrentar as realidades de um mundo global que os marginaliza cada vez mais, contando em primeiro lugar com sua própria vontade e com suas próprias forças.

Os direitos sociais, como o bem estar social, a educação, a saúde, a alimentação etc. que são conquistas das lutas democráticas são quase inexistentes em muitos países africanos. A violência prejudica sem dúvida os processos de construção das nações democráticas, mas alguns dirigentes africanos ainda insistem na construção do Estado-Nação em vez de aprofundar o caminho de construção dos estados multinacionais que refletem melhor as diversidades étnicas ou culturais da grande maioria dos países africanos.

Finalmente, não posso deixar de dizer uma palavra sobre a cooperação entre o Brasil e os países africanos.

Os africanos trazidos ao Brasil através do tráfico serviram como força de trabalho, fornecendo a mão-de-obra escravizada necessária às lavouras de cana-de-açúcar, algodão, café e mineração. Foi graças a esse trabalho gratuito que foram produzidas as riquezas que ajudaram na construção das bases da economia do Brasil colonial. No plano demográfico, os africanos ajudaram no povoamento do Brasil, tão grande era o volume do tráfico. No plano cultural, deixaram notáveis contribuições na língua portuguesa do Brasil e em outros domínios da cultura como as artes, as religiões, breve, na construção da identidade cultural brasileira.

Essas contribuições histórico-culturais que a África deu ao Brasil podem, se forem positivamente reinterpretadas e reaproveitadas, servir de base no ponto de partida das relações internacionais com o Brasil. Creio que os dirigentes brasileiros de hoje entendem a necessidade de construir novas relações com os países africanos divorciadas das relações coloniais caracterizadas pelo tráfico. Nesse sentido, entende-se o gesto do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso em perdoar parte da dívida externa de Moçambique com o Brasil. Entende-se também porque o presidente Lula intensifica, como nunca foi feito antes, o esforço de aproximação do Brasil com os diversos países da África subsaariana, através de relações diplomáticas diferenciadas da diplomacia ocidental.



O Brasil, como os demais países do mundo globalizado, tem todos os direitos de buscar novos mercados para vender seus produtos manufaturados, comprar matérias-primas de outros países, oferecer serviços e produtos de sua tecnologia. Devemos considerar isso como normal e deixar de ver na aproximação do Brasil com a África um novo imperialismo ou um simples oportunismo de mercado, sem solidariedade. É do interesse dos próprios países africanos ter novos parceiros comerciais num contexto multilateral para se libertar das relações bilaterais com as antigas metrópoles colonialistas, que continuam a alienar suas soberanias.

Não existem relações comerciais ou outras formas de cooperação ou de intercâmbio divorciadas dos interesses. Os interesses existem de ambos os lados, tanto do Brasil, como dos países africanos, mas se misturam com os sentimentos de solidariedade e de respeito mútuo. No entanto, apesar dos interesses, vejo teoricamente certa diferença nas relações comerciais e de cooperação entre o Brasil e os países africanos. Pelo fato de o Brasil não ter sido um país colonizador da África, pelo contrário, ele foi colonizado pela mesma potência que colonizou Angola, Moçambique, Guiné Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, ele não entra na África para vender ou para comprar munido do complexo de superioridade e da prepotência do ex-colonizador. Do mesmo modo, os países africanos não sentem o mesmo complexo do ex-colonizado em sua maneira de tratar com os parceiros comerciais brasileiros. Coloca-se em jogo uma questão que tem a ver com as mentalidades coletivas ou com a psicologia do relacionamento entre os colonizadores de ontem e os descolonizados de hoje. Pode acontecer que um comerciante brasileiro vá à África com a cabeça imbuída do complexo de superioridade branca que faz parte do racismo à brasileira, mas pela minha experiência, os africanos continuam a olhar diferentemente os brasileiros, até porque muitos não sabem que existe racismo no Brasil, graças ao chamado mito de democracia racial brasileira que foi além das fronteiras nacionais. Os laços histórico-culturais podem também produzir certa flexibilidade na comunicação humana, nessas relações interessadas. Apesar da força financeira que acompanha a penetração maciça dos chineses na África e do sucesso obtido nessa nova fase das relações internacionais entre a China e o continente africano, creio que o brasileiro no



lugar do chinês teria mais aproximação humana e mais capacidade de comunicação graças aos laços histórico-culturais referidos.

Numa das viagens do presidente Lula à África, assistimos pela televisão à recepção oferecida para a comitiva brasileira num dos países africanos onde aparecem os ministros Gilberto Gil e Celso Amorim trajados em túnicas africanas e dançando com gosto estampado no rosto ao ritmo musical local. Ambos pareciam totalmente à vontade e tinham a jinga no corpo. Os racistas diriam que o ministro Gil tem o ritmo no 'sangue', no entanto o ministro Amorim também tinha o ritmo apesar do seu 'sangue' aparentemente branco. Surpreender-me-ia ver um ministro das relações exteriores das antigas metrópoles colonizadores dançando publicamente com gosto e ritmo aquela música africana como o ministro Amorim. Isto me leva a crer que a diplomacia brasileira atual na África é diferenciada e feita com coração e não apenas com interesse e racionalidade. Creio que há duas maneiras de oferecer esmola, embora não se trate disso: uma humana, que respeita a condição humana do mendigo e outra desumana, humilhante que não considera o mendigo como ser humano digno de consideração e respeito. Pode ser apenas intuição ou ingenuidade da minha parte, mas continuo a acreditar que na aproximação com a África no governo atual, existe uma certa solidariedade que ultrapassa os interesses comerciais, que são reais e verdadeiros.

Gostaria de contar finalizando um episódio de 25 anos atrás, no qual fui envolvido. Em 1983, fui entrevistado por um jornalista da Folha de S. Paulo cujo nome não me lembro mais. A matéria foi publicada no Caderno Folhetim que circulava aos domingos, junto com a entrevista do então ministro das relações exteriores do Brasil, Saraiva Guerreiro, sobre o mesmo assunto. Essa matéria, com minha fotografia estampada ao lado da fotografia do ministro Guerreiro e com o título 'O Ministro das relações exteriores do Brasil e o Professor da USP, Kabengele Munanga, falam das relações Brasil-África' (?) me deu uma notoriedade que na realidade não tinha, pois era apenas um jovem doutor no início da carreira na USP. No dia seguinte, me liga um ilustre desconhecido que queria conversar comigo sobre o conteúdo da entrevista. Marcamos o encontro para as 10 horas da manhã do dia seguinte na minha sala de



Diretoria do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Esse senhor que aparentava aos 70 anos chegou já bravo na minha sala. Apresentou-se em francês impecável como professor de economia e de relações internacionais nas universidades Charles de Gaulle em Paris e de Jerusalém, em Israel. Disse-me que não gostou nada da minha entrevista, porque o Brasil nada tem a oferecer aos países africanos, a não ser uma tecnologia inferior à dos países ocidentais e produtos manufaturados de péssima qualidade. Finalizou sem me deixar nenhum espaço de resposta ou de diálogo, que eu não deveria mais repetir o conteúdo da minha entrevista. Fiquei assustado e amedrontado na minha situação do fugitivo do regime do ditador Mobutu Sesse Seku, diante de um desconhecido que parecia possuir algumas informações sobre mim.

Mas hoje, repetiria as mesmas coisas que disse naquela entrevista de 25)anos atrás, pois continuo a acreditar que o Brasil tem condições positivas para estabelecer relações de comércio e de cooperação diferenciadas com os países africanos. Essas relações diferenciadas seriam fundamentadas como já disse no cimento histórico-cultural, nas características do ecossistema brasileiro semelhante ao africano em termo do solo, do subsolo, da fauna e da flora a partir dos quais o Brasil desenvolveu e desenvolve pesquisas científicas, técnicas agrícolas e inovações no domínio da mineralogia e do agropecuário que seriam muito bem absorvidas pelos países africanos em nome dessas semelhanças. Também em nome dessas aproximações dos ecossistemas, as pesquisas realizadas na farmacopéia da flora brasileira, podem muito bem no contexto da cooperação técnico-científica, ser mais bem aproveitadas pelos países africanos do que as pesquisas feitas nos países do hemisfério norte cujo ecossistema é completamente diferente. As mesmas considerações se aplicariam aos domínios da medicina e saúde pública, pois o Brasil sendo um país tropical, lida com algumas doenças tropicais e alguns problemas de saúde pública semelhantes aos países africanos e sobre os quais tem pesquisas avançadas que poderiam ser facilmente capitalizadas pelos países africanos. Podemos alargar a lista, incluindo a geologia e outras realizações técnicas e tecnológicas adaptadas aos países do hemisfério sul. Os progressos hoje realizados pelo Brasil



nas campanhas preventivas contra AIDS são mundialmente reconhecidos entre os bem sucedidos, e poderiam, se forem minimamente enriquecidas de informações sobre as culturas africanas, dar melhor resultados na África do que as campanhas provindas dos países culturalmente muito diferentes.

As questões internas brasileiras, no que diz respeito às desigualdades raciais das quais os negros são as maiores vítimas, poderiam prejudicar as relações internacionais Brasil-África? A curto termo não creio que isto possa acontecer, porque o mito de democracia racial brasileira é tão forte nos países africanos através das imagens de futebol, carnaval, samba e das personalidades míticas como Pelé que a maioria dos povos africanos, até dirigentes e intelectuais não têm uma consciência esclarecida sobre o racismo à brasileira. Mesmo se soubessem, não tomariam nenhuma atitude que possa prejudicar as relações com o Brasil por causa da fragilidade política dos países africanos individual e coletivamente. Qual deles já ousou criticar os Estados Unidos ou a África do Sul durante o apartheid? Alguns países africanos continuaram até a comercializar tranqüilamente com a África do Sul! Durante o apartheid.

Mas de qualquer modo, coloca-se ao Brasil uma questão que ames de ser de direitos humanos, é uma questão moral. Como socorrer a África de fora e fechar os olhos à África de dentro que lhe deu sangue e cultura, que contribui na formação do seu povo, de sua economia e de sua identidade? São ainda numerosos os brasileiros presos ao mito de democracia racial. Um livro recente de Ali Kamel, "Não somos racistas" (Editora Nova Fronteira, 2006), é uma ilustração da inércia do mito de democracia racial. Com certeza, não é o caso de alguns órgãos do governo, principalmente deste governo. Os projetos de lei sobre cotas e estatuto da igualdade racial que tramitam no Congresso Nacional ainda não foram votados. Talvez não sejam votados por causa da falsa polêmica que dividiu os parlamentares e da controvérsia criada para confundir e criar dúvidas no espírito do brasileiro. No entanto, surpreendem e impressionam os números das universidades públicas estaduais e federais, cerca de 40, que já aderiram às políticas de ação afirmativa ou cotas em apenas 5 anos. Não é pouco, diante da



inércia do mito de democracia racial. Creio que, se não houver retrocesso neste movimento voluntário das universidades públicas, o Brasil pode avançar muito rapidamente em termos de representação de alunos negros e pobres nas escolas públicas.”

Muito obrigado. (Palmas!)

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-02

Ses. Esp. II 29/05/08

A Sr^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Agradecendo a aula fantástica do professor, queremos também registrar a presença da Ministra-Conselheira da República do Congo, a Sr^a Gina Deselemgê, do Exm^o Sr. Ministro da República da Nigéria, Umaru Sarquim, do Sr. Adido Cultural da República de Angola, José Carlos Lamartine, de Paulo Sérgio Peixoto da Silva, major e assessor-geral da PM da Bahia, representando o Sr. Antônio Jorge Ribeiro, e também do assessor Raimundo Bujão, representando o secretário Valmir Assunção.

Neste momento, transfiro a presidência dos trabalhos para o deputado Bira Coroa.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Coroa):- Temos inúmeras presenças a serem registradas, além da preocupação com o tempo. Mas vou registrá-las aos poucos.

Passarei a palavra, para uma breve saudação, à deputada Fátima Nunes.

Registro a presença do Sr. Gilmar Santiago, ex-secretário municipal de Salvador; representando o secretário Wildes, Sônia Nascimento; do professor Cláudio Orlando, representando o Magnífico Reitor Paulo Gabriel, da Universidade Federal do Recôncavo baiano, do ex-secretário de Descentralização Regional, Ailton Ferreira, e do ex-subsecretário de Reparação do município de Salvador, Sr. Cosme.



4392-II

Ses. Esp. II 29/05/08

Or. Fátima Nunes

Dia da África.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Coroa):- Com a palavra, a deputada Fátima Nunes.

A Sr^a FÁTIMA NUNES:- Quero saudar o presidente dos trabalhos, deputado Bira Coroa, e, para abreviar um pouco o tempo, para que os outros membros da mesa possam se expressar, quero fazer uma saudação especial a todos nas pessoas dos embaixadores da África e do nosso professor, que nos deu uma brilhante aula neste dia em que a Bahia tem a grande oportunidade de homenagear a nossa matriz, a nossa mãe África.

Eu queria dizer que depois de ouvir as palavras, a história, e depois de pensar um pouco, fazer um “filme” de 508 anos na vida dos brasileiros e dos baianos, eu sei que cada um leva para casa e olha para esta Casa, e vê que realmente nós estamos vivendo um novo tempo e que este novo tempo só foi construído porque muitos acreditaram, apostaram e lutaram, foram para a rua, mesmo tomando pancada de polícia, tendo o cabelo cortado ou puxado a ferro e a fogo, não desistiram de acreditar que era possível construir um novo dia.

Então eu queria apenas recitar um verso que, para nós, pode ser uma grande utopia, mas se analisarmos as palavras do professor, têm a realidade do presente, mas têm o sonho do futuro, e esse sonho não acontece quando encostamos nossa bandeira ou ficamos em casa aguardando, como ensinaram muitas vezes as escolas da nossa Bahia, a dizer “amém” e “sim, senhor”.

Foi no nosso grito de protesto e revolta que construímos a oportunidade de o negro, o homem e a mulher serem valorizados neste Brasil e nesta Bahia negra. Por isso eu quero cantar este canto, que muitas vezes nós cantamos nas comunidades eclesiais de base e, às vezes, nós duvidamos se era possível realmente isso acontecer. Cantamos muitas vezes na Igreja Católica, continuamos cantando, acreditando também nos movimentos sociais, na luta dos trabalhadores.

(A deputada Fátima Nunes canta.)



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DIVISÃO DE TAQUIGRAFIA

Este é o nosso sonho, mas é a nossa luta e nós vamos conquistar.

Muito obrigada.

(Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)



4393-II

Ses. Esp. II 29/05/08

Or. Kayode Garrick

Dia da África.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Coroa):- Neste momento convidamos para fazer uso da palavra, também numa breve saudação, o Sr. Geovane.

Quero registrar as presenças de Antônio José Sales, diretor da Faculdade São Tomás de Aquino; representando a Secretaria de Educação, professora Vilma Regina Bonfim; representando a Secretaria de Reparação do Município de Alagoinhas, Maria da Conceição (Palmas); a presença da Sr^a Rosana Vieira, da Marcha Mundial de Mulheres (Palmas); representando a Secretaria de Políticas Especiais do Município de Cruz das Almas, a Sr^a Rita Lima (Palmas); Sr^a Nádia Cardoso, representando a Secretaria...: e o 1º tenente, Sérgio Inácio da Silva, também prestigiando o nosso evento;(Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Coroa):- Neste momento queremos passar a palavra ao Exmº Sr. Embaixador da Nigéria, que representa as três embaixadas aqui presentes.(Palmas)

O Sr. KAYODE GARRICK:- Boa-noite a todos. Gostaria de agradecer em nome do Embaixador de Angola, o encarregado da ... do Congo. Na verdade em nome de todas as embaixadas africanas no Brasil, principalmente, o presidente desta sessão, o deputado Bira Coroa ; deputada Fátima Nunes e a todos os demais do Estado da Bahia, por ter presidido, por acontecer esta sessão, hoje, para registrar o dia 25 de maio e também agradecer ao Governo da Bahia pela maravilhosa recepção que tivemos e pela emoção com a qual o povo da Bahia nos recebeu.

Esta não é a minha primeira vez na Bahia. Cada vez que chego aqui me sinto como se estivesse voltando para Casa. (Palmas)

Sinto-me em casa, porque há muitas coisas neste Estado que me são familiares, a vegetação, os costumes, a comida e o jeito das pessoas.

Na parte da Nigéria de onde venho, dizem que o lar é onde temos tios e sobrinhos e é o que acontece quando olho para as pessoas da Bahia nesta sala, eu vejo tios, tias, eu vejo



primos e até vejo netas. Então, neste Estado eu tenho pessoas com as quais eu sou familiar, eu tenho uma família. Eu gostaria de dizer que a Bahia é um país africano do outro lado do Oceano Atlântico.

Nesta sessão especial podemos dizer que temos um passado em comum, que nós também somos uma família e participantes de um mesmo futuro. Nos últimos anos as relações entre o Brasil e a África têm crescido e melhorado sensivelmente. Nesse período, o presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, visitou a África diversas vezes, nós também tivemos uma recente visita à África e o número de embaixadas africanas no Brasil cresceu de 14 para 26.

Nós também temos tratados comerciais entre o Brasil e a África que nos últimos 5 anos têm crescido à proporção de pelo menos 20% por ano. Nos últimos 3 anos, o número de vôos para a África cresceu de 3 vezes por semana para duas vezes por dia. Então, estamos seguindo adiante com a iniciativa do governo da Bahia de encabeçar esta sessão especial. Sinal de que as relações entre Brasil e África, principalmente Bahia e África, terão um futuro promissor.

Eu vejo, pelo entusiasmo com que os senhores me recebem, que teremos um futuro, realmente, brilhante. Por essa razão, meus colegas e eu viemos de Brasília.

Por nos receberem de maneira tão calorosa, gostaria de agradecer a Assembléia Legislativa e ao governador pela maravilhosa recepção e pela grande oportunidade de sermos representados nesta sessão de hoje.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-03

Ses. Esp. II 29/05/08

O Sr. PRESIDENTE (Bira Coroa):- Neste momento, quero pedir desculpas, porque o tempo se encontra bastante avançado e o transporte que conduz os servidores já está com o horário estourado. Estamos correndo um pouco agora, no final. Desculpem-me todos, pois não poderemos conceder a palavra a todos os integrantes da Mesa.

Neste momento, convido o professor Ubiratan Castro para entregar uma placa de homenagem, como reconhecimento da Casa e nossa, ao embaixador Léo Vigílio Costa e Silva, de Angola.

(O Sr. Ubiratan Castro entrega a placa de homenagem.)

Quero convidar o secretário de Reparação do Município de Salvador, Sandro, para entregar uma placa de homenagem ao embaixador do Congo.

(O Sr. Sandro entrega a placa de homenagem.)

Quero convidar o representante da Irmandade da Boa Morte para entregar a homenagem ao embaixador da Nigéria. Em nome da Irmandade da Boa Morte, nós também agradecemos a todos os embaixadores. (Palmas.)

(A representante da irmandade da Boa Morte faz entrega da placa-homenagem.) (Palmas.)

Queremos também entregar uma placa em homenagem ao professor Kabengele Munanga e convidamos Geovani para fazê-lo.

(Geovani faz entrega da placa de homenagem.) (Palmas.)

Em igual condição, para entregar à Irmandade da Boa Morte, convido Marcos Rezende.

(Marcos Rezende faz a entrega da placa de homenagem.) (Palmas)

Senhoras e senhores, quero dizer, em nome da Comissão, na condição de parlamentar e militante de movimentos populares de nosso Estado, que é um momento de muita satisfação para esta Casa a realização desta audiência, que, sem sombra de dúvida, não apenas nos traz esperança e nos dá confiança no processo de luta, mas também reafirma o valor de termos ascendência africana.

Há uma série de agradecimentos a ser feita, o tempo está corrido, e vou convidar, para abrilhantar o término da sessão a cantora Rita Braz.

Quero fazer um agradecimento muito especial a Francisco Santos, pela exposição que fez ao longo de toda a semana; ao presidente desta Casa, deputado Marcelo Nilo, na pessoa de quem quero agradecer a todos os deputados que aprovaram esta sessão e permitiram a realização dela, inclusive os deputados da



comissão; aos servidores desta Casa pela parceria que temos feito em todos os eventos; aos assessores da Comissão de Educação e da Comissão de Promoção da Igualdade, que ajudaram a construir esse ato; a todas as entidades que se fizeram presentes a esse evento. Já que não foi possível citar todas, quero que todas se sintam contempladas e devidamente respeitadas por intermédio daquelas que foram citadas.

A todas as entidades e pessoas que ajudaram a construir este ato posso afirmar que não foram poucos os esforços, e muitos se doaram, ao longo de muitos dias.

Quero agradecer ainda aos artistas que aqui passaram, contribuindo para abrilhantar este ato, a saber: a banda Tomalira, a cantora Rebeca, a cantora Rita Braz, cuja apresentação vou ficar devendo, porque a exigüidade do tempo não vai permitir, segundo informações que acabei de receber...

Ao agradecer a todos que participaram desta Mesa e deram uma contribuição importante, peço desculpas por termos tido o nosso tempo estourado. Agradeço especialmente ao professor Munanga, (palmas) que abrilhantou este ato e, com certeza, nos enriqueceu com conhecimentos. Eu e a deputada Fátima Nunes estávamos comentando sobre a aula que nos foi dada em tão pouco tempo, quando obtivemos um acúmulo de informações que contribuirão muito para as nossas lutas.

E agradeço, destacadamente, aos embaixadores aqui presentes. (Palmas) Ao cumprimentá-los, quero estender essa saudação às suas embaixadas. Friso o empenho desenvolvido pelas embaixadas e pelas casas desses países, como a Casa de Angola, que aqui em Salvador foi estratégica para este ato.

Faço um agradecimento, ainda, à Casa do Comércio de Jequié, que muito contribuiu para este evento.

Por fim, destaco a resistência, a força, a luta e a coragem do povo negro, do povo africano. Deixo aqui todo o respeito e a bênção a todo o povo de Santo presente. (Palmas)

Será realizada amanhã, na Cidade do Saber, em Camaçari, uma outra comemoração ao Dia da África, quando estarão presentes os embaixadores e o professor Munanga, que fará uma palestra.

E faço, finalmente, o convite para a inauguração amanhã, às 10h, da estátua do Imortal Zumbi dos Palmares, na Praça da Sé. Com ela, destaca-se o herói que foi Zumbi dos Palmares e finca-se a nossa origem de luta. (Palmas)

Senhoras e senhores, muito obrigado pela presença e contribuição. Vamos participar agora de um coquetel no salão ao lado.

Boa-noite a todos. Axé! (Palmas)